

RIO DE JANEIRO — 1888.



— Neste momento solemne, em que a "Revista" festeja o seu 5º centenario, faltariamos ao mais sagrado dos deveres se não nos regosijassemos por tão fausto acontecimento, tão bello numero.



Rio, 9 de Junho de 1888.

N.º 500

Sim, leitor; não ha engano: com o presente numero da *Revista*, completamos o algarismo de 500, facto não visto ainda, nos annaes da imprensa illustrada.

Quinhentos numeros! E' objecto.

N'este momento solemne, em que quatrocentos e noventa e nove numeros nos contemplam; em que mais um, fecha esse algarismo glorioso; seriamos uns ingratos, se não nos lembrassemos de quem, sem alarde, mas com sublime pontualidade, nos tem sustentado, sempre, em nosso posto de combate.

Gloria a esses devotados apóstolos do progresso, das causas nobres e do riso!

O povo está cansado de festas, é verdade. Mas nós não podemos deixar passar despercebido o dia de hoje.

Reunido todo o pessoal, passeamos em triumpho pelas salas do nosso escriptorio, conduzindo, á frente, entre manifestações de regosijo e de estima, esse livro sagrado, aonde se inscrevem os nomes dos nossos assignantes.

Um viva a esses benemeritos!

UMA CHICANA

A escravidão está abolida de direito, é uma instituição morta; d'aqui, porém, a que seja abclida de facto, ainda ha muito que fazer.

Representante de interesses inconfessaveis, todavia ella sequestrava ao progresso e á liberdade uma massa de entes humanos, em numero, talvez, de 600 a 700 mil individuos.

Com a sêde do ganho, açulada pela infamante tabella da lei Saraiva-Cotegipe, muitos dos proprietarios de escravos se asanham com a promulgação do acto de 13 de Maio.

Não podiam resistir, não podiam queixar-se, não podiam oppôr-se ao acto legislativo; mas, na immensidade de seu despeito, imaginaram ferir o coração de todos

os patriotas, fazendo manifestações hostis á Princeza.

Plano covarde e miseravel, que só o esclavagismo podia inspirar, e que é a unica nodoa que mancha o advento da liberdade em nossa patria!

Todos esses evadidos das senzalas, todos esses surradores de escravos, todos esses parasitas do suor alheio, acharam que a occasião era boa para se declararem republicanos.

Esse movimento, porém, está isolado entre grupos negreiros e só é explorado por imbecis, que julgam que a republica, no Brazil, pôde assentar sobre troncos, sobre feitores de eito e até sobre assassinos.

A tactica é miseravel e covarde. Antes d'essa effervescencia negreira attingir a Princeza, tem de encontrar-se, face a face, com a Camara, quasi unanime, que votou a lei em dous dias e passar por cima do Senado, que tambem, contra cinco votos, apenas, tornou lei do paiz, a mais veemente aspiração nacional.

Os despeitados, porém, não se queixam nem d'essa Camara nem d'esse Senado, que elles elegeram e que votou a lei por aclamação! Só vêem a Princeza, certos de que com isso, ferem o sentimento de gratidão que palpita na alma dos patriotas.

O que fez a Princeza? Sancionou uma lei votada por aclamação no parlamento. Nunca, em nenhuma republica, houve um acto mais constitucional e mais digno da admiração e da gratidão de um povo.

Nós, não damos a menor importancia a esse movimento anarchista, promovido por antigos proprietarios de escravos. E' um fogo de palha, cuja fumarada negra faz lembrar a instituição homicida, que esses «democratas» queriam perpetuar.

Elle se dissipará, como em 1871, por despeito á lei Rio Branco, o movimento republicano negreiro.

O despeito, ainda não teve força de construir nada, em parte alguma.

A palavra *liberdade* e a palavra *republica*, na bocca de escravocratas, não passam de simples blasphemias.

E' mais uma infamia, que a escravidão gera, e com tão falsos apóstolos, tão fementidos propagandistas da democracia, nenhum democrata sincero quererá aliar-se.

Os que combateram pela abolição e que a impuzeram teem bastante força para reduzir ao silencio esses energumenos da escravidão, em cujas consciencias pezam

crueis remorsos e que temem a luz, pois a voz publica não cessa de accusal-os.

A republica negra não pôde viver no Brazil. Vão fundal-a na costa da Africa.

E' o que teem a fazer!

Julio Verim

Seis de Junho

Esta data, em si, nada mais significa do que a organização de um ministerio, enfileirada entre vinte ou trinta datas semelhantes, quasi todas esquecidas, com excepção do 7 de Março e mais uma ou duas, que ficaram memoraveis.

O seis de Junho, porém, gravou-se no coração do povo.

Porque?

Porque um estadista, tendo a visão do futuro, desprezando conselhos prudentes e avisos assustadiços, veio ao meio do povo, auscultou-lhe o coração e vendo que este palpitava pela libertação dos escravos, colheu a ideia nas ruas, entre o movimento tumultuoso das praças e fez d'ella o seu programma de governo.

Em 1884, a ideia da abolição causava horror, a quasi todos os nossos politicos. Alguns levavam a cegueira até ao ponto de a perseguirem, e outros, proclamando-se liberaes, renegavam os seus programas, repellindo de si toda a participação com esse artigo primeiro de qualquer programma liberal.

O que é certo, é que a abolição foragida, com as bayonetas sobre os rins, só tinha um asylo no coração do povo.

A sua força, porém, já era tão consideravel, que começava a libertar provincias, municipios — e ruas inteiras, na capital do imperio.

O Sr. Dantas pezou bem os acontecimentos, e, sem vacillar, hasteou, um dia, nas ameias do poder, a bandeira abolicionista.

Soffreu, por isso, como ninguem; mas os factos ahi estão, para dizerem se teve razão!

Antes de decorrerem quatro annos, sobre o seu programma politico, tão guereado, é elle uma realidade, é um facto, é uma lei.

No 4º anniversario de seu ministerio, não podiam os seus amigos deixar de saudar o chefe, que, conferenciando com elles, na rua, levava a palavra do povo para a representação nacional e para os conselhos da corôa.

A Confederação Abolicionista organizou, pois, uma festa commemorativa, que se effectuou quarta-feira ultima, em meio de grande e imponente solemnidade.

A sessão civica, em honra ao seis de Junho, esteve imponente, sendo honrada com a presença do digno ministro argentino, de S. Ex.^{ma} consorte e pessoal da legação.

Muitos senadores, deputados, publicistas e homens de letras honraram a notavel reunião, com a sua presença.

Pronunciaram notabilissimos discursos os Srs., conselheiro Ruy Barboza, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco.

Commissões de libertos e de operarios offereceram corôas ao grande chefe abolicionista, orando pelos primeiros, o Dr. Campos da Paz, e pelos segundos, o Dr. Ennes de Souza.

O *Club Seis de Junho*, entregou, em scena aberta, o seu estandarte ao Sr. conselheiro Dantas, fallando de um modo arrebatador, o Dr. Barata Ribeiro.

Depois de tantas e tão grandes manifestações, tomou a palavra o Sr. conselheiro Dantas e fez um discurso, que se póde classificar, como o unico programma politico, actualmente existente.

S. Ex. frisou muito a necessidade de alargar o suffragio eleitoral.

Depois, agradecendo a presença do Sr. Henrique Moreno, digno ministro argentino, n'aquella reunião, pediu licença ás commissões que o rodeavam e ao povo, para dividir com o ministro argentino as flores que lhe haviam sido offerecidas.

S. Ex. mesmo as levaria, disse.

E, dirigindo-se ao camarote do representante da Republica Argentina, em meio de applausos prolongados e delirantes, entregou-lhe uma corôa de camelias e a esposa de S. Ex. um lindo bouquet.

O seis de Junho de 1888 foi bem festejado. Ao auctor d'essa gloriosa data o povo fez uma verdadeira apothose!

Thomé J. S.

A VIDA POLITICA

Foram tão extraordinarios os festejos e o regosijo popular, motivados pela data aurea de 13 de Maio, que, por maior que seja o nosso desejo, de fazer d'estas paginas um archivo, d'esses acontecimentos, verificamos ser isso, impossivel.

Já occupamos dois numeros com a descripção ligeira do que succedeu de 3 a 13 de Maio, e não sabemos quando acabariamos, se tentassemos recapitular tudo quanto se deu até hoje.

Vamos, pois, resumir, o mais possivel, a narração.

O dia 14 de Maio

Vinte e quatro horas depois da sancção da lei aurea, o enthusiasmo do publico ainda se manifestava, intensamente.

Diversos quarteirões da cidade amanheceram enfeitados e era rara a casa, onde não fluctuassem algumas bandeiras.

Durante todo o dia a concorrência nas ruas era extraordinaria e á noite as illuminações promettiam ser muito brilhantes.

De certa hora em diante impossivel era atravessar a rua do Ouvidor, sahindo varias classes encorporadas em *marche au flambeaux*, afim de comprimentarem as redacções e os principaes abolicionistas.

Demonstração na Camara

Por proposta do Sr. Zama, a Camara concordou que não houvesse sessões na quinta-feira e sexta, seguintes, para que os deputados podessem associar-se ao movimento de regosijo da população.

A Camara, suspendendo as suas sessões por tres dias, prestou um preito muito honroso, á nobre cauza que o povo festejava com um enthusiasmo cada vez mais arrebatador.

As festas da imprensa

Por iniciativa de alguns collegas, houve uma reunião dos representantes dos diversos jornaes, resolvendo-se festejar os dias 17, 18, 19 e 20 com varias diversões.

No dia 17 houve a missa campal, na grande planicie de S. Christovão, concorrendo a esse acto uma multidão, calculada em mais de vinte mil pessôas.

O campo de S. Christovão apresentava um bello aspecto ás 9 horas da manhã. Infelizmente, começou a chover, antes da celebração do acto, o que o prejudicou bastante.

O altar e as tribunas lateraes, careciam de gosto. Ainda assim, a missa foi de um bello effeito.

Os dias seguintes

A cidade, repentinamente ornou-se, toda apresentando um bonito aspecto. Quasi todos os quarteirões appareciam enfeitados e as illuminações começaram a ser splendidas.

O programma da imprensa constou da missa campal, recita gratuita em varios theatros, corridas gratuitas no *Derby Club*, baile popular no largo do Paço, procissão das escolas e, finalmente, a grande marcha civica de domingo, 20.

O povo, com o seu enthusiasmo, deu um grande esplendor a todas essas festividades.

A marcha civica, aonde figuravam quasi todas as associações e classes fluminenses, levava duas horas a passar e calcula-se que tivesse a extensão de uma légua.

Ha muitos annos que se não viu festa igual no Rio de Janeiro. Os dias succediam-se, e o enthusiasmo, cada vez, era maior.

Hoje, quasi um mez depois da gloriosa data de 13 de Maio, ainda ha o quer que seja de festivo e de arrebatador em todo o Brazil.

A gloriosa data foi festejada em todas as provincias com incrivel enthusiasmo.

Era uma festa nacional, á qual toda a população, sem distincção de classes e de nacionalidades, se associava.

Como disse Joaquim Nabuco, a impressão que se sentia, podia resumir-se no seguinte: era como se um inimigo, de posse do nosso territorio, o tivesse evacuado, dei-

xando-nos a posse, autonoma e livre, da nossa patria!

Dias immorredouros, esses, que se perpetuarão na lembrança dos que assistiram a essas effusões e a esse contentamento sem igual, de uma nação que anciava por ver a escravidão extincta e que delirava com a morte da nefanda instituição.

Dias de gloria, que se acham, para sempre, gravados nos annaes brasileiros e nos corações dos patriotas.

J. V.

CONTOS TRANSPARENTES

BABYLONIA

(Continuação)

Alguns boatos terroristas, já, em tempo, tinham corrido, sobre a destruição de outras Babylonias subterraneas, habitadas por esse povo inquieto e sombrio das formigas.

Em tempo, um dos habitantes da Babylonia encontrára um seu irmão desgarrado e semi-louco, que lhe referira mil horrores, acontecidos em um formigueiro.

Ella revelára que esses eternos inimigos da raça das formigas tinham descoberto uma substancia terrivel, uma especie de dynamite, que derramavam nos formigueiros, que fazia explosões lá dentro, produzindo uma fumaça espessa e asphyxian-te, de grande força expansiva, e que, em breves momentos occupava todos os intersticios, avenidas, largos ou panellas dos formigueiros, matando tudo quanto tinha de Deus — o condão da vida.

Era justamente esta catastrophe, que agora ameaçava a nossa Babylonia, inconsciente e despreoccupada da terrivel sorte que ia ter.

Os preparativos para a nova expedição estavam em andamento e cada qual se preparava para essa nova e arriscada empreza, quando começou a haver algum alarme na cidade, em virtude de rumores, que vinham de fóra e que indicavam a presença do homem nas visinhanças do formigueiro.

Effectivamente, a essa hora, o dono do laranjal, acompanhado por tres ou quatro individuos, depositára, proximo a uma das principaes sahidas, uma lata com agua e outra de forma exquisita com uns rotulez vermelhos, que devia ser a tal dynamite.

D'ahi a momentos despejaram a agua, que começou a correr e a infiltrar-se pelas alamedas, levando o susto a todo o formigueiro.

A noticia do estranho acontecimento, percorreu, n'um momento, toda a cidade. As formigas, desorientadas, corriam de um lado para outro, denotando um terror panico. Ninguem sabia o que fizes. Afinal, para desencargo de consciencia algumas decidiram que o melhor era fazerem preces.

Estava tudo, n'um estado de alvoroço indescriptivel, quando se ouviram algumas detonações longinquas, seguidas de outras, que vinham successivamente approximando-se.

Todo o povo se precipitou, em tropel, para os pontos oppostos áquelles d'onde vinham os sons aterradores.

De fóra tinham deitado o formicida, no lugar já humedecido pela agua, e este correa, chegando a diversas panellas.



— Não vos aproximéis de mim! Vossas mãos ainda tintas do sangue dos escravos, manchariam as minhas vestes! Retirae-vos, eu não vos quero...

Em seguida atearam o fogo.

A chamma era muito fraca, emquanto estava nas avenidas, por falta de ar. Mas, logo que chegava a esses largos, verdadeiras obras de arte, encontrando o ar em quantidade, accendia-se com estrondo, produzindo massas de um gaz expansivo, que instantaneamente conquistava todas as ruas e caminhos, conduzindo o fogo, que ao chegar, de novo, aos espaços maiores, se ateava bruscamente, com estrondo, levando a morte a tudo quanto ali existia.

Era um quadro horroroso! A cada detonação, as miserias que estavam pelas proximidades, eram atiradas a distancia, com grande violencia, ficando esmagadas e grudadas contra as paredes. E, n'um momento as chammass rodeando-as, faziam-n'as crepitar, torcer as pernas com desespero, dando ás cabeças posições tragicas, com as mandibulas enterradas, umas nas outras, e carbonisando-lhes os corpos, quasi instantaneamente.

Ao alarme descommunal que havia no formigueiro, como que tudo ficava louco de terror. As que conservavam alguma orientação, para fugirem, encontravam todas as avenidas occupadas, trepavam por cima dos corpos, embaraçavam-se, cahiam, levantavam-se, mordiam e afinal tombavam extenuadas.

(Continúa)

J. V.

Com escala pela Camara

Quinta-feira ultima, tendo de atravessar a bahia, e ir tratar de alguns assumptos importantes na Praia Grande, aconteceu que, ao passar pelo largo do Paço, dei com os olhos na Camara.

Cá fóra, tudo deserto e silencioso. A rua com os seus raros transeuntes, abstrahidos na meditação dos seus negocios. Nenhum grupo pelas cercanias da representação popular. Tudo mudado. Das memoraveis sessões do principio do mez, nenhuma recordação! E assim devia ser. A Camara, do dia 7 ao dia 10, déra tudo quanto tinha de melhor.

O publico concordava em que ella devia ter suéto, pelo menos, durante um anno, e, como o seu procedimento fóra, muito notavel e patriotico, não fazia questão de que o subsidio continuasse a correr.

Todavia, ao passar ali, eu tive saudades, de outros tempos e de outras sessões. Que diabo! Ha quasi um mez que ninguém se importa com o que ali se passa...

Disse commigo:

— Vou vêr como está a Camara.

E entrei.

Ora, devo dizer que a minha surpresa não foi pequena!

Eu contava com a Camara, tranquilla, saciada, quasi dormindo o somno dos justos e vergando ao peso das glorias. Qual foi a minha surpresa ao vel-a animada, rrequieta e até impaciente.

A querida e sympathica minoria liberal começou, logo, por prender-me a attenção.

Eu imaginava, que ella, tendo encontrado um ponto de coincidência com o governo, e tendo fraternisado com elle, na votação da grande lei de 13 de Maio, estivesse contente, tranquilla e sobretudo pacifica.

Mas, qual! A opposição estava damnada, e tudo ali cheirava a chamusco.

Fiquei sorprendido.

— Como é isto, dizia commigo? Pois esta minoria liberal, que ainda o anno passado eu tive o gosto de vêr tão docil e tão accommodaticia, sob o regimen do Sr. Cotegipe, está agora, sem razão, a querer dar-se ares de Ferrabraz? Havia um anno, justamente, que esta pleiade liberal, dissimulada e contente, se dava um trabalho immenso para fingir que fazia opposição. Com um ministerio, como o de 20 de Agosto, a opposição d'esses cavalheiros era tão platonica, tão tenue, tão contra vontade, que o governo parecia ter n'elles os seus melhores amigos.

Agora, com um governo, quasi liberal, progressista e patriotico, toda essa opposição estava damnada. Decididamente a politica é uma baixa comedia.

Emquanto me demorei no recinto, quasi todos os liberaes, á excepção de uns tres ou quatro, que teem do liberalismo uma noção elevada, atacaram o governo, por aqui ou por acolá, mostrando-se muito zangados.

— Querem vêr, disse eu, que estes liberaes estão fulos por ter-se votado a abolição e não querem perdoar ao governo tel-os feito passar por abolicionistas?

Era isso, effectivamente. Lia-se em cada uma d'essas physionomias de auctores de requerimentos e de phrases, um despeito, nima má vontade, uma zanga, que n'esse momento fazia explosão. Convenci-me, então, de que, apezar da abolição estar feita, ainda havia muito negreiro na Camara, assim como que o grupo Zé não era uma simples recordação.

Felizmente, para me distrahir das decepções por que estava passando, eis que o presidente dá a palavra a um dos nove deputados, que votaram contra a lei e dos quaes o povo dissera: nove fóra, nada!

— Que bom! Eis aqui: vou ouvir um discurso original.

Effectivamente, assim foi.

O Sr. Bulhões Carvalho, na tribuna, tem todos os ademanos e todo o pittoresco de um somnambulo. Põe os olhos em branco, faz caretas, quebra o corpo, emite a voz como um puxa-puxa, emfim, é interessantissimo. A commoção da tribuna,

dando-lhe alguma pallidez, favorece-o bastante, ficando S. Ex. muito mais claro do que é.

A sua eloquencia, porém, é que é inimitavel!

S. Ex. atacou muito o actual governo, e fez calorosa defeza da lavoura.

O governo foi um barbaro, um deshumano, não dando a essa lavoura tres annos, nem sequer tres mezes, para tratar ao menos, da colheita. O que impressionava sériamente o deputado da junta do couce era a sorte misera a que estavam condemnados — os fructos pendentos dos lavradores. Epico!

S. Ex. dissertou extensamente sobre este thema dos fructos pendentos, declarando, n'isso, tomar a defeza dos seus eleitores. Como, porem, na côrte e no 3º districto não ha lavouras, ninguém sabe a que fructos pendentos se referia o protegido do Sr. Paulino.

Emfim, este discurso do Sr. Bulhões reconciliou-me com a Camara. Ao menos, ainda ali se passam horas de agradável humorismo! A difficuldade está em apanhar-se algum discurso de um dos nove que votaram contra a abolição.

Tão entretido fiquei com o discurso do Sr. Bulhões, que perdi a barca da Praia Grande e não pude ir ao outro lado da bahia tratar os importantes negocios, que lá me chamavam. Mas dou por bem empregados todos os prejuizos, pois, esse discurso do Sr. Bulhões, sobre os fructos pendentos dos lavradores da côrte, é um monumento de graça, uma verdadeira fabrica de gargalhadas.

Leiam-n'ó, que não perderão o tempo!

S. Marcial



Tem tido uma recepção festiva, digna dos seus grandes meritos e da reputação universal, de que já goza, o insigne actor francez Coquelin Ainé.

Desde a sua chegada que, no Pedro II, se tem reunido a elite da sociedade fluminense, para testemunhar ao grande actor francez, que, n'esta França Antarctica muitos o conhecem e todos o apreciam.

Coquelin, com effeito, é um nome universal e um actor, cujos processos podem

ser considerados classicos. Ao seu grande talento elle reune dotes naturaes raros. Sua physionomia, accentuada, presta-se a todos os jogos das paixões e dos sentimentos, de modo a dar extraordinario colorido á menor phrase.

As interpretações que elle dá aos papeis de que se encarrega, são sempre magnificas. No comico, por vezes, attinge os ultimos limites, a que as forças humanas podem aspirar.

Sua companheira de trabalhos, Jane Hading, é, tambem, uma actriz fóra do vulgar. Não tivemos a felicidade de ouvi-la, no papel que constitue a sua maior criação e no qual passa por não ter nenhuma rival; no de Clara Beaulieu. Contamos, porém, poder manifestar-nos a esse respeito.

O conjuncto da companhia, dirigida por Coquelin, é um dos melhores que aqui temos visto.

Na comedia *Surpresas de divorcio*, extasiamo-nos, diante do que podem fazer dez ou doze actores de merito, interpretando magistralmente seus papeis.

Por vezes, em scenas alegres, em que todos riam e manifestavam grande alegria, pasmamos em ver como se póde levar tão longe a ficção. Impossivel de verificár se aquelle nucleo, se aquelles artistas estavam realmente, radiantes, tomados de alegria, rindo de todo o coração, ou se fingiam. O arteficio e a realidade coincidião e a ninguem era dado saber se aquillo era real ou não.

A concurrencia aos espectaculos de Pedro II tem sido bastante regular e o publico tem-se mostrado á altura dos artistas, festejando-os, calorosamente.

Coquelin comprehenderá que a época, em que nos visitou, não é das mais favoraveis.

Acabamos de passar, todos, pela maior commoção da nossa vida social e estamos ainda sobre a impressão, longa e duradoura, que o dia 13 de Maio nos causa.

E' uma especie de estado religioso, de contentamento intimo, em que ninguem quer ser distraido.

Ainda assim, regularmente, temos ido todos prestar as devidas homenagens, ao grande vulto da scena franceza, e a seus distinctissimos auxiliares, fazendo votos, por que, do Rio de Janeiro, essa *troupe* escolhida, leve as melhores impressões.

O *Recreio Dramatico* tem levado á scena algumas vezes mais, o *Conde de Monte Christo*, o portentoso drama, que faz sem-

pre o milagre da multiplicação—das enchentes.

No Polytheama Fluminense tem continuado o artista Pontes a deliciar os amadores de touradas, com os mais divertidos espectaculos.

N'essas animadas diversões é escusado dizer que sobresaem o Pontes, os espadas Panadero e Torerim e os bandarilheiros João Vieira, Delgado e José Fernandes.

Hoje, realisa-se, o beneficio do Pontes, com uma festa tauromachica das melhores.

Binoculo.

Subscrição popular

PARA OFFERECER UMA PENNA DE OURO

Á PRINCEZA IMPERIAL

afim de assignar a lei da Abolição

Concluimos hoje a publicação dos nomes das pessoas, que assignaram para esta patriótica dádiva.

A primeira lista, contendo 136 subscriptores, está no n. 197 d'este jornal.

A de hoje tem 64 nomes. Ao todo 200 subscriptores, que contribuíram com a quantia de 100 mil reis.

Entregamos ao *Paiz*, de uma vez, 68\$000 e de outra, 32\$000, cujo recebimento vem accusado em suas columnas.

Tambem o nosso amigo, Sr. José Ignacio de Mesquita, nos fez a fineza de rémetter uma lista com 58 subscriptores e junto a importancia de 29\$000, que entregamos á redacção do *Paiz*, e cujo recebimento foi accusado em suas columnas.

Eis os nomes dos subscriptores, que não tinhamos publicado, por falta de espaço:

José Joaquim Neves, D. Josephina Constantina Gluck Pereira, João Braz Maia, José Affonso Pereira Lima, Antonio R. de Freitas Soares, Bento Martins da Rocha, A. Graça, Antonio Vasconcellos, João Cirio, Joaquim Coelho Magalhães, Gabriel Carregal, Bernardo de Seixas, Boaventura da Rocha, Luiz de Pinho, D. Julia de Pinho, D. Margarida de Pinho, Augusto Meyer, Carlos Marquerie, Leopoldino dos S. Pereira, D. Maria J. S. Pereira, Luiz A. Pimentel, Vieira da Fonseca, Ribeiro, H. Zimmermann, Luiz de Oliveira, Virgilio Brandão, Antonio Boiteux, Labarthe Fils, D. Maria Michellet de Oliveira, D. Anna Michellet, Carlos de Oliveira, Octavio de Oliveira, João de Abreu, Antonio

Pereira Cardoso, João Pereira Dornas, D. Maria Leopoldina da Gama, João Bernardes Pereira Sobrinho, D. Presciliana de Jesus Canexo, Augusto Gavião, Francisco Soucasaux, Ignacio Ferreira de Carvalho, Eurico Cesar de Medeiros, Manoel Joaquim Monteiro da Silva, João Avelino Soares de Medeiros, Alvaro Mucio Teixeira, D. Adda Mucio Teixeira, Alfredo Silva, D. Catharina Harling, Joseph Ziegler, Oscar, Dr. Salvador Moniz Barreto de Aragão, João M. Santos Andrade, D. Guilhermina de Andrade, Orozimbo de Andrade, D. Virginia de Andrade, Cesario Harling, Frederico de Almeida e Silva, Albano Andrade, D. Elisa Andrade, D. Presciliana de Andrade, D. Francisca de Andrade, Alfredo Soares de Medeiros, D. Ignez da Gloria Ramos, D. Maria Soares de Medeiros. Total..... 32\$000
1ª lista publicada..... 68\$000
Entregue ao *Paiz*..... 100\$000

COLLECÇÕES COMPLETAS

DA

REVISTA ILLUSTRADA

Aos nossos assignantes que desejarem possuir a collecção da «Revista Illustrada,» 12 annos, contendo a historia dos principaes acontecimentos do Brazil, participamos que a poderão obter em condições vantajosas, mediante o abatimento de 40 % sobre o preço das assignaturas.

As outras pessoas que tiverem o mesmo desejo poderão adquirir esse archivo illustrado dos factos principaes dos ultimos 12 annos, com o abatimento de 20 %.

Afim, porem, de facilitar a aquisição das collecções e attendendo a que sempre é difficil despende, de uma só vez uma quantia importante, resolvemos aceitar pedidos para a venda de collecções, a prestações mensaes, sendo estas de 12\$000 rs., para os nossos assignantes, e 15\$400 para os que o não forem.

Tanto a uns como a outros, rogamos que não se demorem, pois o numero de collecções completas, que a empreza possui, é limitado, e os pedidos não cessam.

A ADMINISTRAÇÃO.

Aviso

Aos nossos assignantes que se acham em atrazo, rogamos a fineza de mandarem regularizar suas contas, podendo fazel-o em carta registrada, pelo correio ou por qualquer outro modo, pelo que, desde já, lhes apresentamos os nossos agradecimentos.

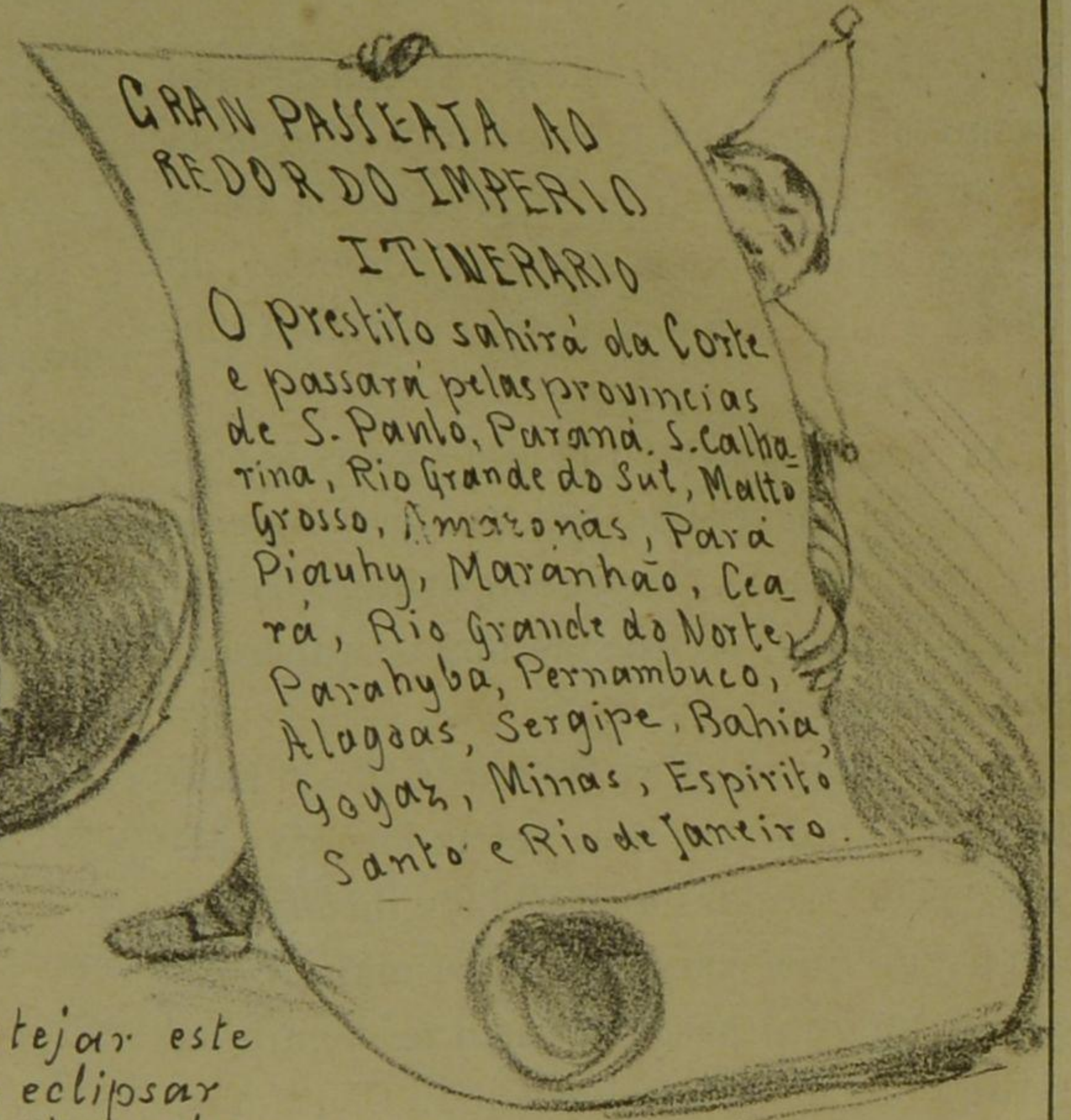
A ADMINISTRAÇÃO.



A "Revista" continua no gozo da mais perfeita saúde, apesar de ter sobre as costas 500 números, já publicados, deste importante e nunca assás decantado jornal. Desculpem a modestia.

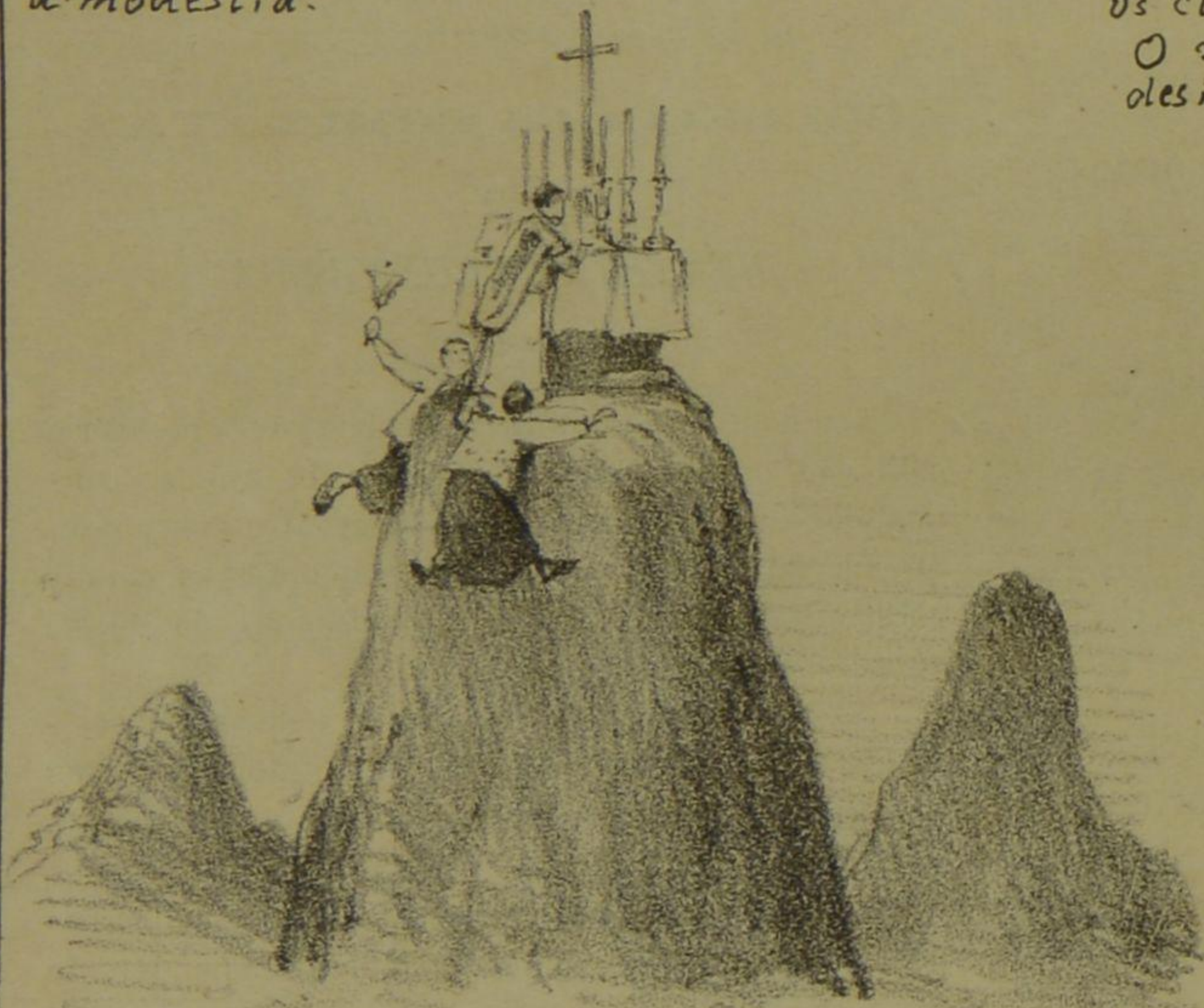


Tinhamos tencão de festejar este 5º centenario de modo a eclipsar os festejos da abolição feitos pela Imprensa fluminense e metter todos os collegas n'um chinelo. O receio, porém, de magoal-os, fez-nos desistir de tal intento.



GRAN PASSEATA AO REDOR DO IMPERIO
ITINERARIO
O prestito sahirá da Corte e passará pelas provincias de S. Paulo, Paraná, S. Catharina, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Amazonas, Pará, Piauhy, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goyaz, Minas, Espirito Santo e Rio de Janeiro.

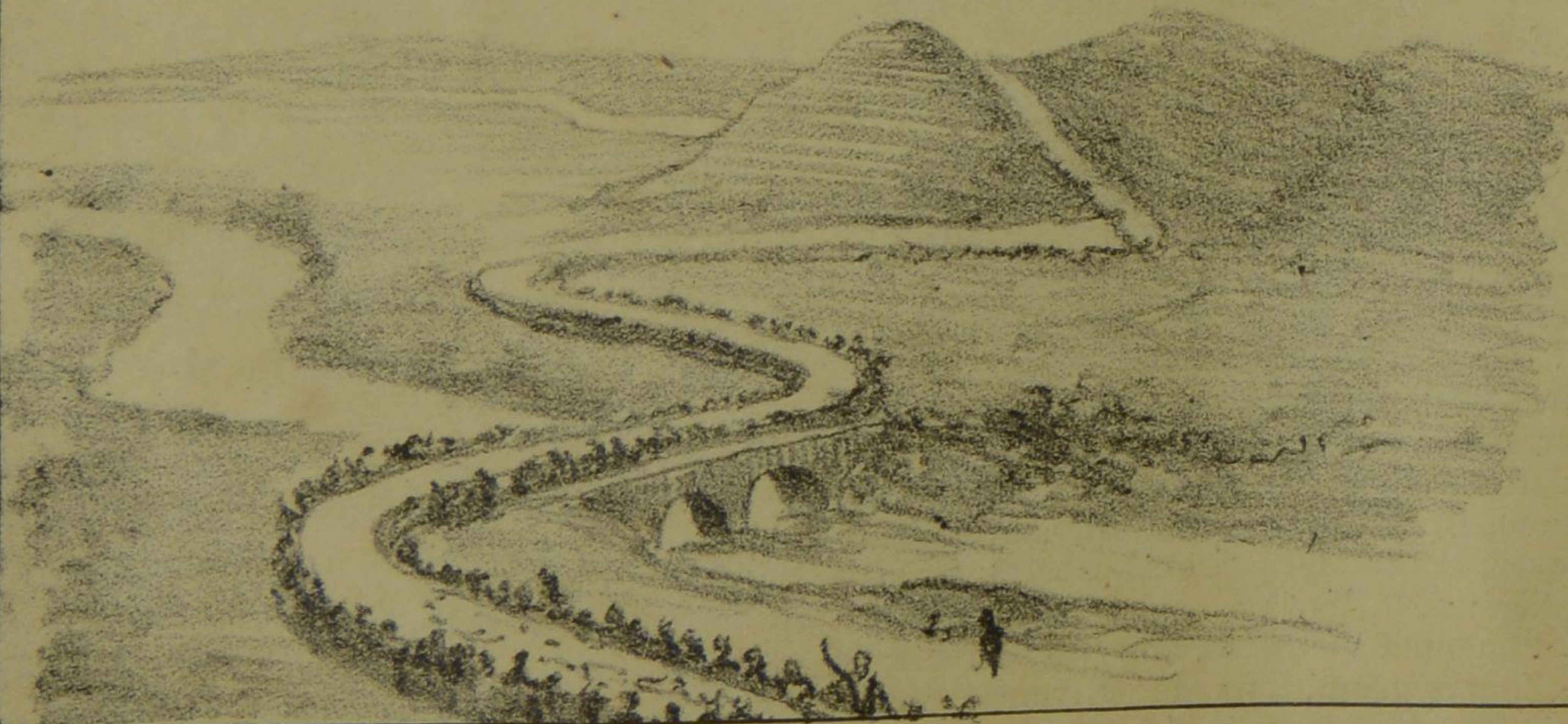
O nosso programma era estupendo!
So' o prestito era uma coisa colossal!



Uma missa solemne e cantada seria celebrada, não n'um buraco como a da Imprensa fluminense, mas, sobre o Dedo de Deus, na serra dos Orgãos, ficando estes encarregados da parte musical. Assim, ella seria vista e ouvida em todo o Imperio!



Um estupendo batucade official e popular, symbolo da igualdade estabelecida pela lei da abolição, seria dansado pelo ministerio e os libertos.



A parte mais importante do nosso programma era o copo d'agua que tencionavamos dar aos nossos assignantes da Corte e provincias. A dificuldade, porém de obter uma meza e uma toalha que chegassem do Amazonas ao Prata pôz-nos em serios embaracos.



Convidamos, pois, os nossos assignantes a beberem um copo d'agua á nossa saúde, assim como, neste momento solemne, o fazemos á saúde de todos elles.